

A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM NA RELIGIÃO: A CONEXÃO ENTRE O SAGRADO E AS EXPRESSÕES RELIGIOSAS.

The Importance of Language in Religion: The Connection between the Sacred and Religious Expressions.

Vitor Emanuel Correa de Mesquita¹

RESUMO

A língua desempenha um papel profundamente fundamental nas cerimônias religiosas em todo o mundo, estabelecendo uma ligação intrincada entre o sagrado e a palavra falada e escrita. Ela serve como uma ponte entre os fiéis e suas crenças, transmitindo os ensinamentos, orações e rituais que são essenciais para muitas tradições religiosas. Essa conexão linguística é a espinha dorsal de práticas religiosas, permitindo que as pessoas expressem, compartilhem e vivenciem sua fé de maneira tangível e significativa. A importância da língua nas cerimônias religiosas transcende fronteiras culturais e confissões religiosas, desempenhando um papel unificador que é digno de uma exploração mais profunda. Neste artigo, falaremos da relação intrínseca entre a linguagem como veículo de conexão com o Sagrado.

PALAVRA-CHAVE: Linguagem, Religião, Linguística, Experiência, Espiritualidade

ABSTRACT

Language plays a profoundly fundamental role in religious ceremonies worldwide, establishing an intricate connection between the sacred and spoken and written words. It serves as a bridge between the faithful and their beliefs, conveying the teachings, prayers, and rituals that are essential in many religious traditions. This linguistic connection is the backbone of religious practices, enabling people to express, share, and experience their faith in a tangible and meaningful way. The importance of language in religious ceremonies transcends cultural boundaries and religious denominations, playing a unifying role that is worthy of deeper exploration. In this article, we will discuss the intrinsic relationship between language as a vehicle for connection with the Sacred.

KEYWORD: Language, Religion, Linguistics, Experience, Spirituality

Considerações iniciais

Podemos começar essa análise refletindo sobre o percurso da linguística ao longo do tempo, e após essa verificação ponderarmos o que é linguagem. A história da linguística é

¹ Pós-graduando em História do Cristianismo pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Graduando em Formação pedagógica em Letras – Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Internacional UNINTER. Formado em Teologia pela Universidade Estácio de Sá UNESA. E-mail: vitoor.279@gmail.com

uma narrativa fascinante que nos leva através das complexidades da evolução da linguagem, da comunicação humana e do estudo sistemático da linguística como disciplina acadêmica. É uma jornada que se estende por milênios, revelando a curiosidade intrínseca da humanidade em compreender a linguagem, a maneira como as palavras moldam nossa compreensão do mundo e como elas se tornam o meio principal de expressão e comunicação. Ao explorar as diferentes fases da história da linguística, somos capazes de vislumbrar como as sociedades antigas abordaram as questões linguísticas, como filósofos antigos ponderaram sobre a natureza da linguagem e como, ao longo do tempo, a linguística se tornou uma disciplina científica rigorosa.

Quando iniciamos nossos estudos sobre linguística voltamos a fase da Antiguidade na história da linguística sendo fundamental para entendermos as origens do estudo da linguagem e o desenvolvimento das primeiras teorias linguísticas. Neste período, figuras notáveis contribuíram significativamente para o estudo da linguagem, fornecendo as bases para as futuras investigações linguísticas (Câmara Jr., 2011, p. 22)². Panini é frequentemente considerado um dos primeiros linguistas da história. Ele viveu na Índia antiga, provavelmente no século IV a.C., e é mais conhecido por seu trabalho *Aṣṭādhyāyī*. Esse texto é uma gramática sânscrita altamente sofisticada e sistemática que descreve a estrutura da língua sânscrita, incluindo suas regras gramaticais e morfológicas. O trabalho de Panini influenciou não apenas o estudo do sânscrito, mas também teve um impacto profundo na teoria linguística em geral. Panini também é conhecido por seu trabalho no *Rigveda*, uma das escrituras mais antigas da Índia. Ele desempenhou um papel crucial na preservação e codificação da pronúncia correta das palavras e dos mantras no *Rigveda* um dos textos religioso hindu (Câmara Jr., 2011, p. 22). Sua abordagem sistemática para analisar e descrever a linguagem sânscrita estabeleceu um precedente importante para o estudo linguístico, enfatizando a precisão e a estrutura.

O mais antigo tratado sobre a linguagem preservado até hoje, na Índia, é o de Yáska, um autor que viveu no IV século a.C., e tem por nome "Nirukta" que significa

² CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. História da linguística. Petrópolis: Vozes, 2011.

"Explicação". É, na realidade, uma explicação das palavras do "Rigveda" que já se haviam tornado obscuras. A principal obra sobre a linguagem surgiu mais tarde, embora ainda no mesmo século, e consistia na descrição detalhada do sânscrito por Panini; consiste este tratado em quatro mil estrofes ou "Sutras", as quais relatam, de maneira resumida e simbólica, os fenômenos linguísticos do sânscrito. É um tipo de código simbólico baseado numa tradição gramatical e, em si mesmo, muito obscuro. Foi explicado pelo "Grande Comentário", ou "Mahābhāṣya", cujo autor Pantañjali viveu provavelmente na segunda metade do século II a.C. (Câmara Jr., 2011, p. 22)

Na Grécia Antiga, Platão, o filósofo icônico, explorou questões filosóficas relacionadas à linguagem em seus diálogos, como *Crátilo*. Ele abordou a natureza da linguagem e a relação entre as palavras e o mundo real. Weedwood (2002, p. 17)³ afirma que na Grécia clássica, surgiu a necessidade de um vocabulário técnico e conceitual para facilitar a análise lógica das proposições. Isso levou ao desenvolvimento de um sistema de categorias linguísticas, conhecido como "partes do discurso", que acabou se expandindo muito além das necessidades imediatas dos primeiros filósofos que perceberam essa demanda. Platão questionou se as palavras eram simplesmente convenções arbitrárias ou se tinham uma relação intrínseca com os objetos que representavam. Platão também considerou o papel da linguagem na filosofia e na comunicação do conhecimento. Sua reflexão sobre a linguagem influenciou futuros filósofos e pensadores, levantando questões fundamentais sobre a natureza da linguagem, a semântica e a epistemologia.

Essas contribuições na Antiguidade são cruciais para o entendimento da evolução da linguística e de como a linguagem era entendida. Panini estabeleceu os princípios da análise linguística sistemática, enquanto Platão lançou as bases para a investigação filosófica sobre a linguagem. As influências dessas figuras reverberaram ao longo da história da linguística, moldando a forma como abordamos o estudo da linguagem, da gramática à filosofia linguística. Portanto, a Antiguidade representa um ponto de partida essencial para a história da linguística, onde as bases iniciais para a compreensão da linguagem como fenômeno humano foram lançadas. Da idade média até Saussure, vemos como o entendimento da linguagem se transformou ao longo do tempo e as análises realizadas, assim como sua utilização, corroborou para os estudos subsequentes.

³ WEEDWOOD, Bárbara. História concisa da linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

A formação retórica em Roma, a preservação dos textos religiosos no judaísmo, a difusão das novas religiões proselitistas como o cristianismo e o islamismo, o estabelecimento de tradições literárias vernáculas nos Estados-nações da Europa renascentista — são todos contextos em que a língua, a princípio uma ferramenta, se tornou um objeto de estudo. (Weedwood, 2002, p. 17-18)

Depois de realizarmos esse introdutório panorama, se torna imprescindível esclarecermos o que é a linguagem, antes de iniciarmos nossa análise sobre sua relação com a religião. Ao longo de muito tempo, muitos estudiosos se comprometeram a formular conceitos relacionados a linguagem. Entre eles podemos citar Sapir, a qual relacionou a emoção, ideias e desejos à linguagem. Bloch e Trager, Hall, Robins e entre outros (LYONS, 1982, p. 17)⁴. Podemos começar com a entendê-la através de Saussure, que compreende a linguagem como “multiforme e heteróclita” (Saussure, 2004, p. 17)⁵ abrangendo outros domínios. Ele segue dizendo:

(...) ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (Saussure, 2004, p. 17)

Aqui vemos que Saussure realiza uma divisão, a qual a língua se torna parte fundamental da linguagem e se define por um produto social e um conjunto de convenções sociais. (Fiorin, 2010, p.14 - 15)⁶. A fala para ele é um fator individual, mas que há uma relação intrínseca entre linguagem-fala-língua.

Outra definição que podemos trazer é a de Chomsky que entende a linguagem como “um conjunto (finitas e infinitas) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos” (Chomsky⁷, 1957, p. 13 citado por Lyons, 1982, p. 20). De forma mais ampla, a linguagem é a capacidade humana de se comunicar através da fala, escrita e gestos.

⁴ LYONS, John. Linguagem e lingüística: uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

⁵ SAUSSURE, F. de. Curso de Lingüística Geral. São Paulo: Cultrix, 1999.

⁶ FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística. São Paulo: Contexto, 2010.

⁷ CHOMSKY, N. Syntactic Structures. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2002.

1. A linguagem como veículo da fé

Nas religiões, a linguagem é considerada um meio de comunicação direta com o divino. Os textos sagrados desempenham um papel crucial nesse contexto, uma vez que são a expressão escrita da palavra de Deus ou dos ensinamentos fundamentais da fé. No Cristianismo, por exemplo, a Bíblia desempenha um papel central, contendo os relatos dos ensinamentos de Jesus Cristo e as histórias do Antigo Testamento. O Novo Testamento inclui os Evangelhos, que contêm as palavras de Jesus em Aramaico, a língua que Ele provavelmente falava. Em religiões como o Islamismo, o Alcorão é o livro sagrado que contém a palavra de Deus, revelada ao profeta Maomé em Árabe. A língua Árabe é vista como a língua sagrada, e a recitação do Alcorão é uma parte essencial das práticas religiosas muçulmanas (cf. Esposito, 2011, p. 9)⁸. Esses exemplos demonstram como a linguagem se torna um canal direto para a conexão com o divino nas cerimônias religiosas.

Em primeiro lugar, a linguagem atua como uma ponte direta entre os fiéis e suas crenças religiosas. Os textos sagrados, frequentemente escritos em uma linguagem especializada e considerada sacra, são a manifestação da palavra de Deus ou dos ensinamentos fundamentais da fé. Através da leitura e recitação desses textos, os crentes estabelecem uma conexão espiritual com o divino. Podemos utilizar como exemplo os cultos pentecostais, onde a glossolalia é frequentemente vista como uma forma íntima de comunicação com Deus. Os fiéis acreditam que, ao falar em línguas, estão transcendendo as limitações da língua humana e se aproximando do divino. Esse ato é considerado uma expressão profunda de adoração e submissão a Deus. A língua, neste contexto, serve como um veículo para expressar devoção e amor espiritual. A glossolalia, é uma característica distintiva do pentecostalismo. Ela desempenha um papel central na identidade e na prática religiosa dos pentecostais, unindo as várias denominações e congregações que se identificam com esse movimento. A língua é o elemento que diferencia os cultos pentecostais de outras tradições cristãs. Outra dimensão interessante na visão pentecostal é da glossolalia que, ao falar em línguas, os crentes estão superando barreiras linguísticas e culturais. Muitos

⁸ ESPOSITO, John L. What everyone needs to know about Islam. New York: Oxford University Press, 2011.

acreditam que o Espírito Santo concede a habilidade de falar em línguas que podem ser entendidas por pessoas de diferentes origens linguísticas. Isso é interpretado como um sinal da universalidade da mensagem espiritual e um meio de alcançar aqueles que falam diferentes idiomas.

Em paralelo, a língua também desempenha um papel crucial na transmissão de ensinamentos, orações e rituais que são inerentes a muitas tradições religiosas. As preces, rituais e cerimônias religiosas frequentemente envolvem o uso da linguagem como um meio de comunicação direta com o divino. Voltando ao exemplo sobre o Islamismo que considera o Alcorão como a palavra de Deus, revelada em Árabe. Como resultado, a recitação e memorização do Alcorão são práticas centrais para os muçulmanos em todo o mundo. Essa língua específica é vista como a linguagem da revelação divina, e sua utilização nas cerimônias religiosas é uma manifestação concreta da conexão com Deus. (cf. Esposito, 2011, p. 9).

Além disso, a língua é um elemento vital na expressão da devoção dos fiéis e na comunhão religiosa. Cânticos, salmos, mantras e hinos são frequentemente recitados ou cantados em cerimônias religiosas para louvar a divindade e invocar bênçãos espirituais. Estas manifestações verbais de adoração fortalecem a conexão entre os crentes e o sagrado, unindo-os em um ato coletivo de devoção. O canto coral nas igrejas cristãs, os mantras entoados pelos budistas e hindus, e os cânticos entusiásticos nas cerimônias pentecostais são exemplos disso, demonstrando como a linguagem é usada para criar um espaço de encontro entre o terreno e o transcendental.

Em resumo, a linguagem e a língua desempenham papéis centrais nas cerimônias religiosas, servindo como a cola que une o sagrado com a experiência humana. Essa relação profunda entre a língua e a religião é um testemunho do poder da linguagem como um meio de expressar a fé, conectar-se com o divino e fortalecer os laços comunitários. Ao entender essa importância da língua nas práticas religiosas, podemos apreciar melhor como a palavra falada e escrita se torna um meio de transcender o mundo material e acessar o divino.

2. A Linguagem nas Orações e Rituais

Além dos textos sagrados, a língua desempenha um papel crucial nas orações e rituais religiosos. Em todas as religiões, a palavra falada é usada para comunicar com o divino e expressar a devoção dos fiéis. Os cânticos, salmos, mantras e hinos são frequentemente recitados ou cantados em cerimônias religiosas para louvar a divindade e invocar bênçãos espirituais. Por exemplo, o Budismo envolve a recitação de mantras, como o famoso *Om Mani Padme Hum* (cf. Blofeld, 1977 p. 33)⁹, que é considerado uma poderosa invocação da compaixão divina. Na tradição Hindu, os mantras são usados em práticas de meditação e rituais, como o *Gayatri Mantra*, que é uma prece para a iluminação. Louis Renou em seu livro *Hinduismo* ao falar sobre vedismo, irá nos dizer o sentido das orações que eram feitas:

Orações eram feitas aos deuses, a quem se pediam bens materiais e uma vida longa. Quem orava, entretanto, sabia que em meio aos deuses e acima deles existiam forças abstratas em plena atividade, destacando-se entre as mesmas Rita, a força da ordem que correlacionava o cósmico e o humano. O significado profundo da oração védica era precisamente o de manter a ordem, observar cuidadosamente o curso normal dos fenômenos naturais, de modo que imitando essas configurações naturais o curso do ritual pudesse garantir a perenidade. (Renou, 1964, p. 15)

Como já falamos, em muitas tradições cristãs, o canto de hinos é uma parte integral dos serviços religiosos, permitindo que os fiéis expressem sua fé e devoção através da música. A linguagem desempenha um papel transcendental nas práticas religiosas, servindo como o veículo primordial para expressar a devoção, a espiritualidade e a conexão com o divino. Nesse contexto, a linguagem assume diversas dimensões que contribuem para a riqueza da experiência religiosa.

O papel central da linguagem nas práticas religiosas, como veículo essencial para expressar a devoção, espiritualidade e a conexão com o divino, é um tema de profundo significado em várias tradições culturais e religiosas ao redor do mundo. Este conceito é claramente evidenciado em rituais indígenas, onde a língua desempenha um papel vital na expressão de crenças espirituais e na conexão com as divindades e a natureza. Um exemplo

⁹ BLOFELD, John Eaton Calthorpe. *Mantras: sacred words of power*. New York: E.P. Dutton & Co, 1977.

ilustrativo é encontrado no livro *The Cosmic Serpent: DNA and the Origins of Knowledge* de Jeremy Narby (*A serpente cósmica: o DNA e as origens do saber*).

Em muitas culturas indígenas, os rituais de cura e comunicação com o divino envolvem o uso de cânticos, palavras sagradas e línguas tradicionais. Essas práticas linguísticas são consideradas um meio de acessar o conhecimento ancestral e de estabelecer uma conexão direta com o mundo espiritual (Narby, 2018, p. 24). Um exemplo notável é o ritual Ayahuasca praticado por diversas comunidades indígenas na região amazônica da América do Sul. No livro *The Cosmic Serpent*, Jeremy Narby explora o papel da Ayahuasca, uma bebida sagrada à base de plantas, na comunicação com as divindades e na obtenção de conhecimento espiritual (Narby, 2018, p. 12). Durante os rituais de Ayahuasca, os xamãs frequentemente entoam cânticos em línguas indígenas específicas. Esses cânticos são considerados meios de conexão com os espíritos e de acesso a um conhecimento profundo sobre plantas medicinais e o mundo natural. A língua utilizada é vista como uma ponte para o divino e uma maneira de transmitir informações que não podem ser acessadas de outra forma.

Nesse contexto, a língua se torna mais do que uma simples ferramenta de comunicação; ela se transforma em uma via espiritual, conectando os participantes do ritual com o transcendental. Esses cânticos em línguas indígenas tradicionais são um exemplo vívido de como a linguagem é usada como veículo para a oração, adoração e a busca por conhecimento nas práticas religiosas indígenas.

Em resumo, a importância da língua nas práticas religiosas transcende a simples comunicação; ela é o fio condutor que liga o humano ao divino e ao conhecimento ancestral. Através da linguagem, as tradições estabelecem uma conexão profunda com o sagrado, ilustrando como a língua é um veículo fundamental de oração e adoração em diversas tradições religiosas ao redor do mundo. A língua é a ferramenta pela qual os crentes se conectam com o divino. Através das palavras, eles expressam súplicas, agradecimentos, louvores e pedidos a Deus ou às divindades. Essa expressão verbal é essencial para estabelecer uma relação íntima com o divino, permitindo que os crentes compartilhem seus

pensamentos, sentimentos e necessidades espirituais. A linguagem torna tangível a devoção e a fé, proporcionando um canal para a expressão emocional e espiritual.

2.1 Prosódia e Ritmo como Expressão Emocional

Um outro fator interessante é a prosódia (entonação, ritmo e melodia da fala ou canto) desempenha um papel significativo na expressão emocional da oração e adoração. Ela permite que os crentes expressem emoções como reverência, alegria, arrependimento e gratidão de maneira mais profunda e tangível. A entonação das palavras e o ritmo das frases podem adicionar camadas de significado e intensificar a experiência espiritual. Isso é particularmente evidente em tradições religiosas que incorporam cânticos litúrgicos ou recitações melódicas.

Um autor que oferece insights valiosos sobre esse tema é Thomas Ashley-Farrand, em seu livro *Healing Mantras: Using Sound Affirmations for Personal Power, Creativity, and Healing*. Embora o foco principal de seu trabalho seja a aplicação de mantras no contexto da espiritualidade hindu, muitos dos princípios relacionados à prosódia e ao poder do som na espiritualidade podem ser aplicados a uma variedade de tradições religiosas.

Ashley-Farrand argumenta que o som, incluindo a entonação e a melodia, é uma ferramenta essencial na busca da conexão espiritual e da cura. Ele explora como a repetição de sons, palavras ou frases melódicas pode induzir estados de profunda reverência, alegria ou meditação. Esse processo de recitação melódica é considerado uma forma de ativar a energia espiritual e conectar-se com o sagrado. Exemplos específicos incluem a recitação de mantras no hinduísmo, onde a entonação e a melodia corretas são essenciais para a eficácia espiritual. Além disso, em tradições cristãs, como o canto gregoriano, a entonação e o ritmo das palavras têm um profundo impacto na experiência religiosa dos fiéis. A melodia das palavras, as mudanças de ritmo e a entonação podem evocar emoções que variam de contemplação serena à exaltação espiritual. Isso é particularmente evidente em tradições que incorporam cânticos litúrgicos ou recitações melódicas, onde a prosódia desempenha um papel central na criação de uma atmosfera espiritualmente significativa.

Neste sentido, a prosódia é uma dimensão crucial na oração e adoração em várias tradições religiosas. Ela é uma ferramenta que permite que os crentes expressem emoções e intensifiquem suas experiências espirituais. Thomas Ashley-Farrand nos lembra da relação da entonação das palavras, ritmo e melodia na busca da conexão com o divino e na criação de uma experiência religiosa profunda.

2.2 A Linguagem como um Instrumento de Unidade Religiosa

Por fim, podemos pensar em como a linguagem nas orações e rituais religiosos desempenha um papel fundamental na construção de comunidades religiosas. A participação em orações e rituais em conjunto cria um senso de pertencimento e unidade entre os fiéis que compartilham a mesma língua e as mesmas práticas religiosas. Isso fortalece os laços sociais e religiosos, criando uma sensação de coesão dentro da comunidade religiosa. A linguagem nas orações e rituais religiosos não é apenas um veículo para a expressão individual da fé; ela desempenha um papel crucial na construção e fortalecimento das comunidades religiosas. Essa dimensão comunitária da linguagem religiosa é fundamental para a coesão social e o senso de pertencimento entre os fiéis. Um autor brasileiro que explorou de maneira notável essa interseção entre linguagem e comunidade social é Roberto da Matta, em seu livro *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*.

Embora o livro do autor da Matta não seja especificamente sobre rituais religiosos, ele oferece uma análise profunda da cultura e das relações sociais no Brasil, incluindo aspectos da religiosidade que são essenciais para entender a dinâmica da construção de comunidades religiosas no país (Da Matta, 1977, p.41 - 42). A sociologia de da Matta nos ajuda a entender como a língua e a comunicação são centrais na construção de identidades culturais e sociais no contexto brasileiro, um país conhecido por sua diversidade religiosa. Em muitas tradições religiosas brasileiras, como o candomblé e a umbanda, a língua desempenha um papel central na comunicação com os orixás. As cerimônias religiosas muitas vezes envolvem cânticos, invocações e preces em línguas específicas, que não apenas estabelecem uma conexão com o divino, mas também criam um senso de comunidade entre os participantes. Aqueles que compartilham a mesma língua ritualística encontram um terreno comum de expressão

religiosa, o que fortalece os laços sociais e a coesão dentro do grupo. No meio cristão, por exemplo, vemos um modo diferente na fala. Nas comunidades evangélicas vemos termos como “varão” se referindo a um homem, “levita” a um músico, e outros termos.

Da Matta explora a noção de "sociologia do dilema brasileiro", que inclui a compreensão de como a diversidade cultural, religiosa e étnica do Brasil é moldada pela comunicação, interações sociais e relações de poder. Ele nos ajuda a entender como a linguagem é um elemento vital na expressão religiosa e na construção de identidades religiosas compartilhadas. A linguagem nas orações e rituais religiosos desempenha um papel fundamental na construção de comunidades religiosas. Ela cria um senso de pertencimento e unidade entre os fiéis que compartilham a mesma língua e práticas religiosas. Autores brasileiros como Roberto da Matta têm contribuído para nossa compreensão da complexa interação entre linguagem, religião e coesão comunitária no contexto brasileiro, onde a diversidade religiosa desempenha um papel central na construção de identidades culturais e sociais.

3. O Poder da Palavra e da Linguagem

A relação entre a linguagem e a religião também é explorada em profundidade na teologia e na filosofia religiosa. Autores e estudiosos têm investigado como a linguagem molda nossa compreensão do sagrado e como ela influencia a experiência religiosa. A palavra e a linguagem são elementos fundamentais que permeiam as tradições religiosas, permitindo a comunicação, a expressão espiritual e a transmissão de ensinamentos e crenças. Em muitas tradições religiosas, a palavra é vista como uma ferramenta divina de criação. No cristianismo e no judaísmo, o livro de Gênesis declara que Deus criou o mundo com a palavra, dizendo: "E disse Deus: Haja luz! E houve luz." Essa ideia é compartilhada em outras tradições, como o hinduísmo, onde o som primordial *Om* é considerado o som da criação.

Mircea Eliade, em seu livro *O sagrado e o profano*, oferece insights valiosos que podem ser associados a este assunto. Eliade discute a importância das palavras e da linguagem nas práticas religiosas e na compreensão do sagrado de várias maneiras. Uma delas é a

linguagem ritualística Eliade observa que esse tipo de linguagem desempenha um papel crucial nos rituais religiosos, onde palavras específicas, cânticos e fórmulas têm significados profundos e são usados para estabelecer uma conexão com o divino. A linguagem ritualística é uma forma de transcender o profano e entrar no reino do sagrado. Eliade também explora o conceito de "eterno retorno", onde os mitos e narrativas religiosas são reencenados ou recitados em rituais.

Nas religiões primitivas e arcaicas, a eterna repetição dos gestos divinos justifica-se como imitado deus. O calendário sagrado repete anualmente as mesmas festas, quer dizer, a comemoração dos mesmos acontecimentos míticos. Propriamente falando, o calendário sagrado apresenta-se como o "eterno retorno" de um número limitado de gestos divinos, e isto é verdadeiro não somente para as religiões primitivas, mas também para todas as outras religiões. Em toda parte, o calendário festivo constitui um retorno periódico das mesmas situações primordiais e, conseqüentemente, a reatualização do mesmo Tempo sagrado. Para o homem religioso, a reatualização dos mesmos acontecimentos míticos constitui sua maior esperança, pois, a cada reatualização, ele reencontra a possibilidade de transfigurar sua existência, tornando-a semelhante ao modelo divino. (Eliade, 1992, p. 55 - 56)

Nesse contexto, a linguagem desempenha um papel fundamental na preservação e na transmissão das histórias mitológicas que conectam o presente com o passado sagrado.

Um outro exemplo é o filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein, um dos filósofos mais influentes do século XX, que em sua obra *Tractatus Logico-Philosophicus (Tratado Lógico-filosófico: investigações filosóficas)* explorou a ideia de que "aquilo sobre o qual não se pode falar deve ser passado por silêncio (Wittgenstein, 2015, p. 27)." Ele questionou os limites da linguagem na expressão do inexprimível, que é uma preocupação central na teologia. Wittgenstein argumenta que o significado das palavras está intrinsecamente ligado ao seu uso em contextos específicos. Isso tem implicações profundas para a linguagem na religião. As palavras e frases religiosas derivam seu significado do contexto religioso em que são usadas. Por exemplo, a palavra "fé" em uma conversa religiosa adquire um significado particular que difere de seu uso em contextos não religiosos. Em relação a isso, Wittgenstein introduz o conceito de "jogos de linguagem", onde diferentes atividades e contextos têm regras específicas para o uso da linguagem. Na religião, há um jogo de linguagem religiosa com suas próprias regras. Isso implica que a compreensão das declarações religiosas depende da participação em práticas religiosas e da imersão na linguagem religiosa. Logo, essas

práticas são uma forma de linguagem em ação, onde a linguagem é usada não apenas para transmitir significados, mas para realizar ações e expressar compromissos. Assim, as orações e rituais religiosos são expressões da fé que vão além das palavras.

A linguagem na religião muitas vezes lida com conceitos e experiências que Wittgenstein chamaria de "inexprimíveis". A ideia de um Deus transcendente ou a experiência mística são desafios para a linguagem, pois estão além do que pode ser adequadamente expresso em palavras. Wittgenstein, assim como Mircea Eliade, nos alerta sobre a natureza limitada da linguagem e a necessidade de reconhecer os limites da expressão religiosa (Eliade, 1992, p.12). A linguagem religiosa é uma forma de linguagem altamente especializada, com suas próprias regras e significados que são moldados pela prática e pela tradição religiosa.

Percebemos a sua influência em diversos pensadores ao longo do tempo. O teólogo cristão Tomás de Aquino, em sua obra *Suma teológica*, também abordou a relação entre a linguagem e a teologia, nos mostrando que a linguagem é um meio pelo qual os seres humanos podem chegar a um entendimento mais profundo de Deus.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, exploramos as complexas definições de linguagem e lançamos luz sobre a intrincada relação que a linguagem mantém com a religião. Ficou evidente que a linguagem transcende sua função comunicativa básica e desempenha um papel fundamental na expressão do sagrado e na prática religiosa. Através de uma análise aprofundada, destacamos como a linguagem é o veículo pelo qual as crenças, rituais e tradições religiosas são transmitidos e mantidos ao longo do tempo.

Este estudo nos permitiu compreender que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um depósito de significados e simbolismo, enriquecendo a experiência religiosa de indivíduos e comunidades. A capacidade da linguagem de expressar o inexprimível, de articular o transcendental e de proporcionar um senso de pertencimento religioso é uma faceta crucial de sua importância na religião.

À medida que concluímos nossa investigação, fica claro que a linguagem e a religião estão inextricavelmente entrelaçadas, desempenhando papéis interdependentes no desenvolvimento humano, na cultura e na espiritualidade. Compreender essa conexão profunda nos permite apreciar mais plenamente como a linguagem é fundamental para a expressão do sagrado e para a compreensão das diversas tradições religiosas em todo o mundo.

Bibliografia

A Bíblia Sagrada. Português. **Bíblia King James 1611 de Estudo Holman**. Rio de Janeiro: BV Books, 2022

Alcorão. Português. **Nobre Alcorão**. Tradução de Helmi Nasr e colaboração da Liga Islâmica Mundial. Al-Madinah Al -Munauarah: Complexo do Rei Fahd.

ASHLEY-FARRAND, Thomas. **Healing mantras: using sound affirmations for personal power, creativity, and healing**. New York, Ballantine Welspring: Random House Publishing Group, 1999.

BLOFELD, John Eaton Calthorpe. **Mantras: sacred words of power**. New York: E.P. Dutton & Co, 1977.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História da linguística**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2002.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DE AQUINO, Tomás. **Suma Teológica**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Livraria Sulina Editora; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1980.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESPOSITO, John L. **What everyone needs to know about Islam**. New York: Oxford University Press, 2011.

FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 2010.

LYONS, John. **Linguagem e lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

NARBY, Jeremy. **A serpente cósmica: o DNA e as origens do saber**. Rio de Janeiro: Dantes, 2018.

RENOU, Louis. **Hinduísmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da lingüística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tratado Lógico-filosófico: investigações filosóficas**. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.